



O francês Tristan Samuel veio ao Brasil a trabalho em 2020



Larissa tem no DNA o sangue da folia, já que veio da Bahia e conhece bem o carnaval de Salvador

diversos eventos espalhados pela cidade. Colocando pra jogo, é claro, suas roupas mais coloridas. Fantasias que sempre fizeram parte do seu traje rumo às ruas. Em 2023, obviamente, deve ser igual. “Até coloquei um cabelo diferente para poder curtir esse momento como ele deve ser vivido. Este ano é justamente para botar nossa personalidade para fora.”

Sabor europeu

É bem verdade que o Brasil recebe, nesta época, estrangeiros dos mais diversos lugares. O carnaval é capaz de atrair o mundo inteiro, que chega com os olhos atônitos para a beleza que o brasileiro transmite durante fevereiro. E na capital do país, essa história não seria diferente. Há três anos, o francês Tristan Samuel, 36, pousava em território nacional.

Diretamente das maravilhas de Paris, ele veio para morar em Brasília. E não somente para isso, mas, sobretudo, para viver o carnaval. Infelizmente, ele, que é casado com Beatriz Luca, deu azar de chegar justo no ano em que a pandemia asso-



lava o mundo. “Eu cheguei ao Brasil e não consegui viver uma folia. Este vai ser o meu primeiro carnaval, estou muito ansioso para curtir”, anseia.

Por gostar muito da cultura e do samba, ele espera saborear a folia dos bloquinhos não somente do Distrito Federal, mas do Rio de Janeiro também. A animação é tão grande que decidiu pintar o cabelo de rosa, especificamente para as duas semanas de folia. Na semana pré-carnavalesca, o francês desfrutou da festa candanga antes de partir para a Cidade Maravilhosa com a companheira, onde passa o feriadão.

Sangue nordestino

E quando se fala em carnaval, é impossível não se lembrar daquele sotaque arretado que é fácil de encontrar em Brasília. Espalhado por todas as cidades, o Nordeste é referência quando o assunto é carnaval e também enche a vida de mais cor em fevereiro. Da Bahia para a capital federal, Larissa Teixeira, 29 anos, diz que a folia está em seu sangue.

Esse desejo pela festa é hereditário, já que a paixão começou em casa, com a família. Esses últimos anos, especialmente para ela e os parentes, foram deprimentes. A vendedora descreve que ir às ruas depois de tanto tempo é como “estar renascendo das cinzas”. Empolgada, Larissa quer participar de todos os blocos, sem retirar a hipérbole de sua afirmação.

O desejo dela é como o de quase todo mundo, que quer reaproveitar os momentos que foram perdidos, além de esquecer as dores que ficaram no passado. “Tudo isso é muito estranho, sabe? Eu quero o carnaval logo porque ele é muito bom, ter ele de volta, enfim, a sensação é maravilhosa.” E esse é o sentimento que Beatriz deve buscar — mais felicidade.

Fantasiando-se ou não, algo que Larissa sempre costuma fazer, a curtidão deve ser a mesma. Ela garante que não vai se prender a isso, pelo menos neste ano. O importante é matar a saudade dos blocos que ia antes da pandemia, como o Divinas Tetas e o Bloco do Amor. Para 2023, ela espera não voltar para casa sem os sapatos, experiências que vêm de outros carnavais. “É que eu sempre curti demais”, diverte-se.